

Língua, literatura e ensino na perspectiva do discurso

Diana Luz Pessoa de Barros*

Resumo

As intersecções entre língua, literatura e ensino passam pelos estudos do discurso. Neste texto, são abordados quatro aspectos da relação entre os estudos do discurso, na perspectiva da semiótica discursiva e o exame do texto literário: a análise narrativa e discursiva do texto literário; o semi-simbolismo na relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo; a questão da percepção estética e dos efeitos estéticos no texto literário, e muito de passagem, as relações entre o texto literário e o contexto sociohistórico.

Palavras-chave: Semiótica discursiva; Texto literário; Análise narrativa e discursiva; Semi-simbolismo; Percepção estética.

Convidada a participar, neste simpósio, da mesa-redonda “Língua e literatura: intersecções possíveis”, minha escolha foi a de apontar algumas intersecções entre literatura, língua e ensino, na perspectiva do discurso, mais especificamente do ponto de vista da semiótica discursiva de linha francesa, com que trabalho. Estou convencida de que as relações entre língua e literatura passam pelos estudos do discurso, dos mais diversos tipos, e de que há uma grande zona de intersecção entre a análise do texto e do discurso e o exame e o ensino de literatura. Quatro aspectos da questão foram selecionados:

- a) o da análise narrativa e discursiva do texto literário;
- b) o dos problemas do plano da expressão, com o semi-simbolismo;
- c) o dos efeitos estéticos e da percepção estética;
- d) e, muito de passagem, o das relações entre o texto literário e o contexto.

* Universidade de São Paulo/Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ANÁLISE NARRATIVA E DISCURSIVA DO TEXTO LITERÁRIO

Estou convencida de que há uma grande zona de interseção entre a análise do discurso e o exame e o ensino de literatura. O texto literário é um texto entre outros, sem dúvida em posição de destaque, por razões variadas. É, portanto, imprescindível para tratar do texto literário ter por detrás uma teoria de análise do discurso. Já é consensual hoje que muitos (para não dizer todos) os fatos e procedimentos discursivos outrora considerados específicos do objeto literário encontram-se em outros tipos de discurso. O abandono em que se achavam (até os anos 60) os estudos das diferentes manifestações textuais, em oposição ao sempre grande e prestigiado desenvolvimento da teoria e análise literárias, tem permitido conclusões às vezes apressadas. No estágio atual das pesquisas sobre o discurso, não é possível determinar a especificidade do literário do ponto de vista lingüístico e discursivo, a não ser, quem sabe, pela organização do plano da expressão. É inegável, porém, a forma peculiar de sua inserção na cultura, na sociedade, na história. Esses dois aspectos, o da organização da expressão e o das relações com o “extra-lingüístico” são fundamentais no exame da literatura e nos permitem dizer que para examinar a literatura é preciso saber ler textos, ler contextos e, quem sabe, ler pretextos.

Para entender o que é ler textos, cito, como introdução, Antonio Candido (1976):

Poderíamos, então, dizer que a verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, como modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior (...). Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. (p. 61-62)

A citação mostra a necessidade de uma análise da “organização interna” do texto, de uma análise do texto, seja ele literário ou não literário. Essa análise precisa de uma teoria do discurso que a sustente: a “livre interpretação” ou os “procedimentos de descoberta”, válidos para certos fins, não bastam nesse caso. Na perspectiva da semiótica discursiva (uma, entre outras possíveis análises do discurso), a análise se faz em três níveis de descrição e explicação: dois do plano do conteúdo, o das organizações narrativas e o das organizações discursivas, e um do plano da expressão.

Os estudos dos níveis narrativos e discursivos, comuns a todos os tipos de textos, inclusive aos literários, permitem, porém, que se estabeleçam certas ca-

racterísticas do literário. Assim, por exemplo, no nível narrativo, alguns textos literários, como **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, ou **Jardim Selvagem**, de Lygia Fagundes Telles, caracterizam-se pela ambigüidade narrativa, isto é, graças a recursos discursivos (uso de primeira pessoa, repetição de configurações discursivas) mantém-se indecisa a direção narrativa (Capitu, em **Dom Casmurro**, traiu o marido ou foi injustamente considerada por ele uma esposa infiel? Daniela, em **Jardim Selvagem**, matou o marido para livrá-lo do sofrimento ou ele se suicidou?). No nível discursivo duas questões se destacam: a questão do jogo das projeções das categorias de pessoa, de tempo e de espaço, que exacerbado, tem caracterizado boa parte da literatura contemporânea (vejam-se, por exemplo, os romances de Vargas Llosa) e a questão das figuras de conteúdo, das metáforas e metonímias de “texto inteiro”, decorrentes das relações que se estabelecem entre as isotopias (temáticas ou temático-figurativas), nos textos pluri-isotópicos, como são os literários. Os temas disseminam-se pelo texto em percursos que podem ser “concretizados” sensorialmente pelo procedimento de figurativização. A reiteração discursiva dos temas e a redundância das figuras espalhadas na dimensão total do discurso denominam-se isotopia. Alguns textos permitem uma única leitura, ou seja, desenvolvem uma só linha temática ou temático-figurativa. Outros, como os literários, desenrolam vários percursos temáticos e figurativos, lêem-se em diferentes isotopias. Nos textos pluri-isotópicos estabelecem-se relações verticais entre as diferentes linhas horizontais temático-figurativas, e essas relações verticais podem ser consideradas metafóricas ou metonímicas. Em **Rios sem discurso** (1975, p. 23) de João Cabral de Mello Neto, mostramos, em outros trabalhos, a construção das isotopias temáticas e figurativas e a determinação de metáforas discursivas. Desenvolvem-se duas isotopias figurativas, conectadas pela palavra “discurso”, a do curso da “água” e a do discurso da “palavra”. Na isotopia da “água”, lê-se a história dos rios do Nordeste, interrompidos pela seca e em luta contínua para se refazerem: rios, (dis)curso, corta, água, poço, estanque, estancada, comunica, reatar, fio de água, cheia, água em fios, seca. Na leitura da “palavra”, desenrola-se o fazer discursivo, o tomar a palavra, e com a voz adquirida, reconstruir passo a passo o discurso e a comunicação: discurso, situação dicionária, muda, comunica, sintaxe, descortia, grandiloqüência, linguagem, enfrasam, frases curtas, frase, sentença, voz. Cada uma das isotopias figurativas liga-se a uma isotopia temática: a água recobre o tema da produção da vida, num trabalho miúdo e sem parada da natureza, a palavra investe o tema da criação operada pelo homem, no mesmo fazer cuidadoso e continuado. As relações verticais instalam-se entre os percursos da água-vida e da palavra-criação e produzem a leitura metafórica do poema. Deixou-se de lado ainda uma terceira isotopia, desencadeada pela palavra “combate”, que investe o tema socioeconômico e

político da censura e da repreensão. Essa ambivalência das figuras é definidora do literário, pois reformula o mundo pelo discurso.

Os elementos de organização narrativa e discursiva, ou seja, do plano do conteúdo, selecionados entre muitos outros possíveis, são bastante frequentes nos discursos literários, embora também possam ocorrer em outros tipos de discursos. Os desenvolvimentos das teorias do discurso, no caso da semiótica, principalmente os estudos das modalidades e de seus efeitos passionais, os estudos enunciativos, a semiotização de questões sobre estilo e o exame da figurativização, mostraram não só que é possível examinar o texto literário na perspectiva dos estudos do discurso, mas que esse exame é imprescindível para ler o texto literário.

PLANO DA EXPRESSÃO E SEMI-SIMBOLISMO

Se não se pode determinar o caráter “literário” de um texto a partir do exame das estruturas narrativas ou das elaborações discursivas, tomados separadamente, a consideração das relações que integram os diferentes níveis, aí incluídos os procedimentos do plano da expressão e as relações intertextuais (contextuais), pode levar a distinguirem-se discursos poéticos, entre os quais se inclui o literário, dos não-poéticos. Há um crescendo de “poeticidade”, da narrativa ao texto, passando pelo discurso.

O termo poético foi escolhido porque o tratamento poético da expressão caracteriza o texto literário, mas também um certo tipo de pintura, de escultura, de dança.

O tratamento do plano da expressão na semiótica foi introduzido sobretudo pelos semioticistas do “visual” (Jean-Marie Floch e Félix Thürlemann, principalmente). Floch (1985), para tratar da questão, retoma uma citação de Lévi-Strauss em que o antropólogo comenta que não entende a dificuldade de um poeta francês com as palavras *jour* (dia) e *nuit* (noite) (ou melhor o fato de, para o poeta, haver uma inadequação porque *jour* (dia) usa sons graves e *nuit* (noite), sons agudos). Para Lévi-Strauss não há problemas, pois, para ele, os sons agudos de *nuit* e os graves de *jour* estão relacionados com a continuidade do dia e da luz, interrompida pela noite “aguda”. Na verdade, foram “lidos” pelo poeta e pelo antropólogo dois sistemas semi-simbólicos diferentes: para o poeta, a categoria da expressão “som grave” vs “som agudo” está inadequadamente correlacionada, do ponto de vista da cultura, à oposição de conteúdo “clareza”, vida vs escuridão, “morte”; para o antropólogo, a mesma categoria da expressão está correlacionada à categoria do conteúdo “continuidade” ou “duração do dia” ou “da vida” vs “ruptura” ou “pontualidade da noite” ou “da morte”.

O termo semi-simbolismo é usado na semiótica para marcar a relação entre uma categoria (uma relação) da expressão e uma categoria do conteúdo (e não uma relação termo a termo, como no sistema simbólico de Hjelmslev).

Em outras palavras, os textos poéticos, sejam eles literários (verbais) ou de dança, pintura etc, têm uma organização secundária da expressão. Se é sabido, na lingüística saussuriana, que a função do plano da expressão é, primordialmente, a de suportar ou expressar conteúdos, com que mantém relação arbitrária, podem-se estabelecer correlações novas e motivadas entre expressão e conteúdo, que constituem os sistemas secundários poéticos ou sistemas semi-simbólicos, como os acima mencionados. A função dessas novas relações entre expressão e conteúdo é a de negar a relação conhecida entre texto e realidade e instalar novas perspectivas que refundem ou refazem o “real”, que retiram dos saberes do senso-comum o caráter de verdade única, que colocam em seu lugar a verdade textual (e contextual) de um mundo sensorial, corporal – de sons, cores, formas, cheiros –, refeito pelo discurso. Alguns exemplos rápidos podem ser mencionados: em “Os girassóis”, de Van Gogh, o semi-simbolismo na correlação entre a categoria da expressão claro pontegado vs escuro arredondado e a categoria do conteúdo vida vs morte; em “Os reinos do amarelo”, poema de João Cabral de Melo Neto, a correlação entre a categoria da expressão abertura e agudeza das vogais vs fechamento e gravidade e a categoria de conteúdo natureza vs cultura; em “Fita verde no cabelo”, de Guimarães Rosa, a correlação entre a categoria da expressão sílaba CCV, consoante [t], mudança de vogal grave a aguda vs ausência de sílaba CCV e de consoante [t], muita vogal aberta [a] e a categoria de conteúdo morte vs vida. Essa organização da expressão, que estabelece relações semi-simbólicas com o conteúdo, é, como foi dito, marcadamente sensorial, corporal, e põe em cheque nosso modo de sentir e de conhecer o mundo, ao criar uma nova verdade e sensação do mundo – em que o claro está ligado à vida, a abertura vocálica à natureza e assim por diante. O mundo é refeito, sobretudo, na dimensão do sensível, pelo discurso que cria semi-simbolismos. Duas observações devem ser feitas: uma sobre a tensividade no semi-simbolismo e outra sobre as variações nessas correlações semi-simbólicas. Em primeiro lugar, a semiótica hoje tem usado a análise tensiva das categorias da expressão e do conteúdo para explicar as correlações semi-simbólicas entre os dois planos da linguagem. Assim, por exemplo, o que levaria à correlação entre abertura vs fechamento e natureza vs cultura, no poema de Cabral seria a determinação, no texto, de abertura como termo extenso, em oposição à intensidade do fechamento, e a determinação da natureza como extensa, em relação a uma cultura intensa. O exame da tensividade permite examinar a correlação semi-simbólica em um nível mais afastado do da substância da expressão e do conteúdo.

A segunda observação é a de que há, no semi-simbolismo, variações de dimensão e de nível de análise, tanto no plano do conteúdo quanto no da expressão. O semi-simbolismo pode ser localizado ou esparso no texto (como no exemplo de Guimarães Rosa) ou total, de texto inteiro (como nas canções brasileiras estudadas por Luiz Tatit, que mostra esse semi-simbolismo no conjunto de cada texto, ou na língua falada).

Os recursos do plano da expressão são um dos elementos fundamentais da poeticidade do texto, dão a ele sensorialidade e corporalidade e refazem, nessa perspectiva, o mundo sensível. O traço sensível e corporal dos discursos poéticos nos leva à última parte desta exposição, a dos efeitos estéticos e da estesia.

EFEITOS ESTÉTICOS E PERCEPÇÃO ESTÉTICA

Em um belo texto, *De l'imperfection*, Greimas (1987) analisa cinco simulacros literários da estesia (Tournier, Calvino, Rilke, Tanizaki e Cortázar) e constrói, nesses textos e para esses autores, uma leitura semiótica da percepção ou do prazer estético. Cinco pontos principais devem ser apontados na caracterização da estesia:

1. ruptura e mudança de isotopia: do cotidiano ordinário, assemantizado ou automatizado, ao extraordinário, semantizado ou ressemantizado;
2. manifestação discursiva da “fratura”, principalmente pela aspectualização do espaço e do tempo como uma descontinuidade (pontualidade do tempo, delimitação do espaço), de que resulta o efeito de sentido, por exemplo, de suspensão do tempo ou de atemporalidade, de entrevisão da eternidade (sem medida do tempo);
3. transformação do estado de disjunção do sujeito com o objeto em estado não apenas de conjunção, mas de conjunção total ou fusão (como diz Eric Landowski, de união);
4. manifestação passional da estesia (do inesperado), em que se passa da indiferença e do tédio ao deslumbramento alegre (Tournier), à fascinação feliz (Calvino), à revelação feliz mas excessiva (Rilke), à penetração alegre mas temível (Tanizaki), à catarse ou absorção aliviada (Cortázar), para retornar à nostalgia, à saudade da perfeição entrevista;
5. mudança de dimensão da análise, pois a imperfeição cotidiana é pragmática e/ou cognitiva e a perfeição é sensível, sensorial: a estesia é entendida, em todos os textos, como uma relação sensorial que se estabelece entre o sujeito e o objeto, havendo variação apenas da ordem sensorial em jogo: visual, de brilho, no deslumbramento; visual, de brilho e de

forma, e tátil, na fascinação; visual, olfativa e tátil, na revelação; visual cromática e tátil, na penetração; tátil, e quem sabe gustativa, na absorção. Parece haver também uma espécie de “aprofundamento” sensorial, do visual, mais superficial, ao tátil, mais profundo.

Duas observações devem ainda ser feitas, sobre a generalização e a variação cultural e sociohistórica das estéticas.

Os traços comuns apontados nos vários textos do século XX permitem-nos algumas reflexões sobre os objetos que, relacionados ao sujeito, fabricam efeitos de perfeição, produzem prazer estético. São os textos poéticos, de que vimos tratando, que, mesmo que não se identifiquem com a perfeição, deixam entrever-la ou constituem uma etapa em direção a ela. São, no dizer de Greimas, uma tentativa de introduzir fraturas na nossa pobre vida quotidiana.

Retomo agora o que foi dito nos itens anteriores: o texto poético não tem seu caráter poético assegurado por um único elemento ou em um único nível de descrição; os procedimentos, nos diferentes níveis, produzem efeitos de poeticidade pela passagem à ambivalência (quase mítica) ou pela negação dos pólos diferentes, isto é, pela passagem à continuidade, após a ruptura (continuidade das similaridades, no dizer de Jakobson), como vimos acontecer nos textos com os procedimentos de ambigüidade narrativa, nos jogos enunciativos de projeção de pessoa, tempo e espaço, que produzem os efeitos de perspectiva múltiplas ou polifônicas e não de escolha discreta ou descontínua de uma única voz, momento ou lugar; na organização pluri-isotópica do discurso, com as figuras semânticas; e, sobretudo, nos recursos da expressão – do semi-simbolismo –, em que o sensorial faz sua aparição também no plano da expressão. A necessidade do sensorial na estesia explica a importância do plano da expressão e das novas relações entre expressão e conteúdo na caracterização dos textos poéticos em geral e dos literários em particular. São esses procedimentos que garantem a relação sensorial e corporal prazerosa entre o sujeito e o texto poético.

Para concluir, retoma-se, apenas de passagem, a questão da variação cultural e sócio-histórica das estéticas, diferenciadas, conforme apontado, entre outras possibilidades, pela atividade ou passividade do sujeito, pelas ordens sensoriais envolvidas e pela variação de profundidade entre elas, pela quantificação excessiva ou insuficiente da perfeição, pelas diferenças na organização passional da estesia, pelas diferentes formas de volta à “realidade”. Assim, por exemplo, para Greimas, numa estética clássica, o inesperado é o mundo da perfeição, da medida, que deslumbra o sujeito pelas formas e pela luz.

Estamos agora naquilo que chamei de ler contextos (e não apenas ler textos), imprescindível para o exame da literatura. O texto dito literário, hoje e aqui, pode não o ser em outro espaço ou tempo. Além disso, é inegável o papel histori-

camente assumido pela literatura. São questões, para a semiótica, de intertextualidade. Assim pensada, a leitura de contextos (outros textos) poderá ser entendida com os mesmos princípios e métodos da leitura do texto. Não vamos, porém, entrar nessas questões, pois não há tempo para tanto, já que preferi recortar a minha exposição de outra forma.

Résumé

Les intersections de la langue, la littérature et l'enseignement passent par les études du discours. Nous examinons quatre aspects des rapports entre les études sémiotiques du discours et l'examen du texte littéraire: l'analyse narrative et discursive du texte littéraire; le sémi-symbolisme entre le plan de l'expression et le plan du contenu; la question de la perception esthétique et celle des effets de sens esthétiques du texte littéraire; et, en passant, les relations entre le texte littéraire et le contexte sociohistorique.

Mots-clé: Sémiotique discursive; Texte littéraire; Analyse narrative et discursive; Sémi-symbolisme; Perception esthétique.

Referências

- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit**. Paris-Amsterdã: Hades-Benjamins, 1985.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **De l'imperfection**. Paris: Pierre Fanlac, 1987.
- MELLO NETO, João Cabral de. Rios sem discurso. In: MELLO NETO, João Cabral de. **Antologia poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p. 23.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. A personagem do romance. In: MELLO E SOUZA, Antonio Candido de; *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 51-80.